

O tempo como aprendizado do cuidado de si e do mundo

Bárbara Pataro Bucker¹.

No capítulo 3 do livro do Eclesiastes, o Coélet diz:

“debaixo do céu há momento para tudo, e tempo certo para cada coisa: tempo para nascer e tempo para morrer. Tempo para plantar e tempo para arrancar a planta. Tempo para construir e tempo para destruir. Tempo para chorar e tempo para rir. Tempo para abraçar e tempo para se separar. Tempo para guardar e tempo para ‘jogar fora’. Tempo para calar e tempo para falar”.²

Em nossa condição de seres existentes, mesmo que nosso corpo ocupe um espaço, espaço de nós, é mais propriamente nosso o tempo, porque podemos fazer memória de vivências passadas, nos exercitar na consciência do presente e projetar um futuro que seja possível de existir, e deste modo, o tempo cronológico se faz oportunidade de aprendizado mais que de puro determinismo.

O tempo como aprendizado do cuidado.

O verbo cuidar inspira dedicação, emprego de tempo e atenção ao objeto de cuidado, para poder aprender algo de si, ou da realidade cuidada. Cuidar constitui um dos fundamentos da mãe natureza, já que a grande maioria das espécies tem, em algum grau, essa característica que parece estar ligada à sustentação da vida.

Leonardo Boff afirma que o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa: “é um modo de ser essencial”. Tudo o que existe, testemunha que existe porque foi objeto de cuidado.³

Falar de cuidar, parece nos fazer chegar a um processo de refinamento da vida que evolui, e na compreensão de poder ser entendido o cuidado em uma perspectiva de transcendência, ou de um projeto do Criador. Aceitando a hipótese de que há um propósito inteligente na vida, e que este se manifesta no ato de cuidar desde as mais primitivas espécies, desde aqueles seres que chocam seus ovos, até o poderoso amor materno e paterno do ser humano; também desde a solidariedade da manada até os atos de compaixão e altruísmo da humanidade.

Podemos ainda acrescentar que esse modo de se debruçar sobre o outro, compassivamente, é herdeiro de ensinamentos das mais diversas tradições religiosas do planeta, em um amadurecer na compreensão de si e do outro. O ensino budista da compaixão e o mandamento cristão da caridade são exemplos eloquentes disso.⁴

Com o estudioso Mircea Eliade⁵, aprendemos que as religiões são manifestações do sagrado e que os grandes reveladores religiosos apreenderam através da observação do que existe, essa essência do cuidado, imanente na vida, e a formularam em orientações normativas e exemplificações através de suas próprias vivências. Desse modo, colocamos

¹ Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e mestra no *Institutum Theologiae Vitae Religiosae Claretianum* pela *Pontificia Universitas Lateranensis*. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Teológica, atuando principalmente nos seguintes temas: teologia, mariologia, ética cristã, espiritualidade.

² Bíblia Pastoral. Ed. Paulus, 1990.

³ Boff, 1999: Internet: <http://www.voces.com.br>

⁴ Jonas H., 2004.

⁵ Eliade M., 2010.

como exemplo dentro do cristianismo a Jesus, que envia seus seguidores a “curar os enfermos, purificar os leprosos, ressuscitar os mortos, expulsar os demônios. De graça recebestes, de graça deveis dar.” (cf. Mateus 10,8).

Daí também é que, em muitas épocas da história, no Oriente e Ocidente, os centros de tratamentos e busca de cura, eram também considerados lugares religiosos. Na Grécia antiga, o Templo de Asclépio (deus da medicina, curador e cuidador) era considerado o centro de tratamento e do cuidado dos doentes.

Já desde o início da era cristã, o modo como Jesus, o Cristo, viveu e se relacionou, segue sendo um referencial de cuidado referencial de cuidado para toda a história humana, e lição memorável na arte de cuidar, porque buscava aliviar todo tipo de sofrimento físico, psicológico, social e espiritual. Oferecia as explicações consistentes dos males, com demonstrações práticas para as causas dos mesmos sofrimentos, indicando os meios de aliviá-los.

A terapia do cuidado, mais que a cura do doente, pode ser considerada a diretriz dos atendimentos das primeiras comunidades cristãs. Os pagãos não a ofereciam de forma organizada e em larga escala; os judeus somente aos seus pares; já a primitiva “comunidade cristã” oferecia não somente aos cristãos, mas também aos pagãos, sem distinção, e ainda o atendimento e cuidado eram oferecidos gratuitamente.

Durante quase dois mil anos, os cuidados na área da saúde estiveram associados à prática da espiritualidade e às práticas religiosas, e esse cuidar que esteve associado com a saúde, se estendeu ampliando de maneira mais uniforme. Com o tempo foi se expandindo para a área da educação, pois se deveria cuidar do corpo e da alma, como dizia Santo Agostinho: “A ciência que cuida do corpo é a medicina, e a que cuida da alma é a educação”.

Para Erich Fromm, em seu clássico livro “a arte de amar”, o amor está associado ao cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento, que pode ser considerado aspecto central do ato de amar. Mas infelizmente, já faz algum tempo que se fez notar que a humanidade vem perdendo a sua capacidade de cuidar, seja de outras pessoas, da natureza e da sua própria vida. Isso atesta que estamos perdendo nossa capacidade de conexão com a nossa essência.

Podemos nos perguntar: como vemos o mundo e a humanidade em seus diversos aspectos com relação ao cuidado hoje? O que seria mais importante: cuidar de si ou cuidar do mundo?

As duas vertentes são importantes, e faz-se necessário considerar também que existem patologias do cuidado, exemplo: obsessão; e o cuidado como carência: descuido. Importa seguir perguntando: onde e como estamos? O que é preciso cuidar em nós para constatar que existem realidades que necessitam de atenção?

A medicina tornou-se rica de aparelhos e avanços de mecanismos da fisiologia e patologia das doenças biológicas, mas perdeu sua capacidade de escutar o outro, de olhar de maneira interdisciplinar, de ver a pessoa na sua integridade, e ainda o que é pior, esvaziou o ser humano de sua essência: a alma.

Somente através de um processo educacional amplo, plural e interdisciplinar envolvendo a saúde, a espiritualidade e a educação, chegaremos a encontrar uma posição conciliadora

que contemple de maneira científica o lado material e espiritual do ser humano e avance em uma proposta de cuidar e de curar.

Destaco três níveis humano-teológico:

1. Exterioridade, corpo? Conjunto de relações que o ser humano estabelece com o mundo à sua volta: o ar que respiramos, o alimento, a água, o que se veste.

É o ser humano inteiro mergulhado no tempo e na matéria, corpo vivo, dotado de inteligência, capacidade de sentimento, compaixão, amor e êxtase.

Esse corpo total vive numa trama de relações para fora e para além de si mesmo. É o nosso modo de ser no mundo, como homem e mulher em relação permanente.

2. Interioridade, nossa mente? É o mundo da psique: são nossos desejos, paixões, sentimentos, emoções.

A nossa interioridade é denominada também de mente humana, entendida como totalidade do ser humano voltada para dentro, captando todas as ressonâncias que o mundo da exterioridade provoca dentro de nós.

É o mundo dos nossos segredos mais íntimos e desde onde se pode dar o encontro com o absoluto. É necessário seu cultivo em vista de profundidade.

3. Profundidade, espírito? É a dimensão que nos possibilita captar o que está além das aparências daquilo que se vê, se escuta, se pensa e se ama. Apreende o outro lado das coisas, sua profundidade.

As coisas todas não são apenas coisas. Ganham sentido e novidade a cada momento e experiência. Viver desde esta dimensão é captar a profundidade do mundo, a profundidade de si mesma, e de cada coisa que constitui o que se chamou de espírito, não é uma parte do ser humano, mas sua dimensão mais profunda de ser. É aquele momento da consciência mediante o qual captamos o significado e o valor das coisas. Profundidade é o resultado de uma saudável vivência das dimensões da exterioridade e da interioridade.

Alcançaremos a profundidade de todas as coisas e de todas as experiências na medida em que formos buscadores do infinito no meio do finito e do cotidiano. Existem vários níveis do cuidado:

Com o planeta;

Com a sociedade sustentável;

Com o outro;

Com os pobres e excluídos;

Com o nosso corpo na saúde e na doença;

Com a cura integral do ser humano;

Com nossa alma, anjos e demônios interiores;

Com os grandes sonhos de Deus;

Com a grande travessia, a “irmã” morte.

Cultivando valores: contentamento e simplicidade.

Lidando com as emoções, especialmente as destrutivas.

Trabalhando a autoestima.

Buscando as ferramentas que podem nos ajudar no manejo de nós mesmos.

Focando o positivo.

Aprimorando a maneira de ver a si mesmo e o mundo.

Aprimorando as relações – alteridade.

Cultivando a compaixão, a empatia e a ternura.

Entender e se convencer de que o outro “é”, assim como eu, alguém que busca a felicidade para sua vida; que experimenta o sofrimento na vida, que conhece a tristeza, a solidão e o desespero.

Coloco em destaque que, para esse tempo de pandemia, deve ser valorizado o espaço simbólico da “mesa” dentro de nossa “casa” como oportunidade de encontro, essa “casa” que tenho e vivo, e a “casa” que sou eu.

Um texto de 2008 de Leonardo Boff nos pode informar detalhes importantes sobre esse tema:

Comensalidade: refazer a humanidade⁶

Comensalidade significa comer e beber juntos ao redor da mesma mesa. Esta é uma das referências mais ancestrais da familiaridade humana, pois nela se fazem e se refazem continuamente as relações que sustentam a família.

A mesa, antes que um móvel remete a uma experiência existencial e a um rito. É o lugar privilegiado da família, da comunhão e da irmandade. Nela, se compartilha o alimento e com ele se comunica a alegria de encontrar-se, o bem-estar sem disfarces, e a comunhão direta que se traduz nos comentários sem cerimônia dos fatos cotidianos, nas opiniões sem censura dos acontecimentos da crônica local, nacional e internacional.

Os alimentos são algo mais que coisas materiais. São sacramentos de encontro e de comunhão. O alimento é apreciado e é objeto de comentários. A maior alegria da mãe ou de quem cozinha é notar a satisfação dos comensais.

Mas, também devemos reconhecer que a mesa é também lugar de tensões e de conflitos familiares, onde as coisas se discutem abertamente, se explicitam as diferenças e podem estabelecer-se acordos, onde existem também silêncios perturbadores que revelam todo um mal-estar coletivo.

A cultura contemporânea modificou de tal forma a lógica do tempo cotidiano em função do trabalho e da produtividade que enfraqueceu a referência simbólica da mesa. Esta ficou

⁶ <http://www.servicioskoinonia.org/boff/articulo.php?num=272>

reservada para os domingos ou para os momentos especiais, de festa ou de aniversário, quando os familiares e amigos se encontram.

Em geral, deixou de ser o ponto de convergência permanente da família. A mesa familiar foi substituída lamentavelmente pelo *fast food*, comida rápida que só faz possível a nutrição, mas não a comensalidade.

A comensalidade é tão central que está ligada à própria essência do ser humano enquanto humano. Faz sete milhões de anos começou a separação lenta e progressiva entre os símios superiores e os humanos, a partir de um ancestral comum. A especificidade do ser humano surgiu de forma misteriosa e de difícil reconstrução histórica. No entanto, etnobiólogos e arqueólogos chamam a nossa atenção sobre um fato singular: quando nossos antepassados antropóides saíam a coletar frutos, sementes, a caça e peixes, que não comiam individualmente o que conseguiam reunir. Tomavam os alimentos e os levavam ao grupo. E aí praticavam a comensalidade: ou seja: distribuíam os alimentos entre eles e os comiam grupal e comunitariamente. O que eu deduzo que seja não somente o estar juntos, mas de ir criando laços de afinidades e de intercâmbios que foram enriquecendo o sentido dessa prática.

Assim, a comensalidade, que supõe a solidariedade e a cooperação de uns com outros, permitiu o primeiro salto da animalidade em direção à humanidade. Foi somente um primeiríssimo passo, mas decisivo, porque lhe coube inaugurar a característica básica da espécie humana, diferente de outras espécies complexas (entre os chimpanzés e nós há somente um 1,6% de diferença genética): a comensalidade, a solidariedade e a cooperação no ato de comer. E, essa pequena diferença marca toda a diferença.

Essa comensalidade que ontem nos fez humanos, continua ainda hoje fazendo-nos sempre de novo humanos. Por isso, importa reservar tempos para a mesa em seu sentido pleno da comensalidade e da conversação livre e desinteressada. Ela é uma das fontes permanentes de renovação da humanidade hoje globalmente anêmica.

Foi o filósofo francês Gilles Deleuze que fez a articulação da noção do Eterno Retorno do personagem Zaratustra, de Friedrich Nietzsche, como dispositivo para a produção do novo.

"Só produzimos uma coisa de novo com a condição de repetir uma vez do modo que constitui o passado e outra vez no presente da metamorfose. E o que é produzido, o absolutamente novo, é, por sua vez, apenas repetição, a terceira repetição, desta vez por excesso, a repetição do futuro como eterno retorno."

Por mais que o eterno retorno possa afetar o passado e o presente, ele concerne diretamente ao futuro, a um transbordamento produzido pelo futuro:

"O eterno retorno só afeta o novo, isto é, o que é produzido sob a condição da insuficiência e por intermédio da metamorfose. Mas ele não faz retornar nem a condição nem o agente; ao contrário, ele os expulsa, os renega com toda a sua força centrífuga. Ele constitui a autonomia do produto, a independência da obra. Ele é a repetição por excesso, que nada deixa subsistir da insuficiência nem do devir igual. Ele é o novo, é toda a novidade".⁷

O pesquisador Domenico Uhg Hur cita que

⁷ Deleuze, 1968 a/2006.

"o eterno retorno, compreendido tal como o dispositivo da repetição, nunca é o retorno do mesmo, da igualdade ou do semelhante. É o eterno retorno da diferença, daquilo que é novidade, produção do novo e do simulacro, repetição da diferença e retorno do incondicionado. Sobre isso, Deleuze fala que "trata-se de fazer, pelo eterno retorno, entrar no ser o que nele não pode entrar sem mudar de natureza".⁸

Domenico conclui que "apenas retorna o que tem força, o que foi capaz de passar pela prova seletiva do tempo." As formas fracas, pequenas, as forças reativas, o negativo, não retornam, não superam a prova seletiva. O eterno retorno é a produção do absolutamente diferente, rompendo com o modelo circular.

E pode ainda iluminar os conceitos de atual e virtual que atravessam a obra filosófica de Deleuze, desde os trabalhos sobre Henri Bergson até seu último escrito, onde apresenta um tipo de imagem, que denomina como "imagem-cristal", que é a imagem-tempo que realiza o que a imagem-lembrança não realizou: a operação fundamental do tempo.

A imagem-lembrança apenas representa um presente que o passado foi, e não o passado propriamente dito. A imagem óptica e sonora pura, por sua vez, é a imagem atual que se cristaliza com sua própria imagem virtual. Ela não compõe um circuito em que ela se ligaria a uma imagem-lembrança correlata, mas liga-se diretamente ao objeto enquanto imagem atual. A imagem-cristal é uma imagem biface, atual e virtual, presente e passado: o presente que passa coexiste com o passado que se conserva. Ela se cristaliza com sua própria imagem virtual, ou seja, ela se constitui por apresentar o menor circuito entre a imagem atual e a imagem virtual.

Para cada imagem atual há uma imagem virtual que lhe corresponde como seu duplo ou reflexo. A imagem atual é ainda presente e já passada, presente e passada ao mesmo tempo. O passado não é sucedido pelo presente, mas que se conserva e coexiste com ele, ou seja, o presente é a imagem atual e seu passado contemporâneo é a imagem virtual. A indiscernibilidade entre atual e virtual numa mesma imagem forma a imagem-cristal.

O presente é o que passa, pois estamos vivendo; e o passado é o que fica pela nossa memória. Vivemos no tempo atual, o hoje e o agora. E quando precisamos, involuntariamente, resgatar alguma memória, acessamos ao tempo virtual como se fosse a nuvem, e atualizamos aquilo.

E ainda Neil Postman⁹, em sua obra: "*O fim da Educação*" identifica em nossa sociedade o "deus da Utilidade Econômica" e mostra que a escola está orientada por esse deus: "A ideia motriz é que o propósito da escolaridade é preparar as crianças para o ingresso competente na vida econômica de uma comunidade. Segue-se daí que qualquer atividade escolar não destinada a promover esse fim, é vista como ridículo e desperdício de tempo. E, de acordo com esse deus, você é o que você faz para ganhar a vida, e dentro deste sistema capitalista em que o ser humano se fragmenta e se torna um número anônimo no mercado, esvai-se a possibilidade e a prática de uma educação que cuide do indivíduo enquanto ser integral, destinado à sua principal missão na vida de "dar à luz a si mesmo".¹⁰

Para o ser humano, trata-se de cuidar de seu desenvolvimento pleno, sua autonomia e felicidade. Maria Montessori, que foi médica e educadora, soube reunir ciência à reverência

⁸ Deleuze, 1962/1976.

⁹ Postman N., 2002.

¹⁰ Fromm E. Clube do Livro.

do ser humano num só propósito de educação plena: “A educação de hoje embrutece o indivíduo e atrofia seus valores morais. Ele se torna um número e uma engrenagem da máquina cega do ambiente material.”

A escassez de afeto na escola e mesmo na família, a que a criança, o adolescente e o jovem estão sujeitos no mundo atual, se deve a essa finalidade extrínseca à natureza humana, que é a do ganhar e do ter, em detrimento do ser.¹¹ O feroz individualismo instaurado nas relações faz com que cada qual esteja voltado para a sua própria realização e muito pouco tempo para o cuidar do outro. O outro passa a não existir, enquanto ser para se olhar, para se tocar, para se amar.

Os educadores não sabem quem são seus alunos, os médicos não sabem quem são seus pacientes, os pais não sabem quem são seus filhos. E, para se chegar à concepção de amor que exige cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento, tem-se que empregar tempo, concentração e atenção. A falta de cuidado pode acarretar para o ser adulto a incapacidade de amar e de se responsabilizar pelo outro e pelo mundo que lhe rodeia. E isso constitui a maior tragédia para a vida humana.

Bibliografia:

Deleuze, 1968 a/2006. Diferença e Repetição.

Deleuze, 1962/1976. Nietzsche e a Filosofia.

Eliade M.: O sagrado e o profano. Martins Fontes, 2010.

Fromm E.: Análise do Homem. Clube do Livro, 2000.

Fromm E.: Ter ou Ser. LTC, 1987.

Jonas H.: O Princípio da Vida. Vozes, 2004.

Postman N.: O fim da educação. Graphia, 2002.

¹¹ Fromm E., 1987.